

# FCDF acerta no encerramento

A festa de entrega dos prêmios do XXI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi, por incrível que pareça, uma das mais organizadas da história do evento. Quem, ano passado, viu no Cine Karim, o festival de desacertos comandado pelo ator J.Pingo, espantou-se com o tom da festa deste ano, que soube dosar harmoniosamente atrações musicais e a apresentação, em bloco, dos premiados com o Troféu Candango.

A escolha dos apresentadores foi fator decisivo para o bom andamento da festa. A atriz Dora Wainer e o mestre-de-cerimônias Carlos Benedito foram exatos em seu trabalho e tiveram fairplay para corrigir falhas do texto-guia apontadas pelo público. A mais grave foi a omissão do filme *Romance*, de Sérgio Bianchi, entre os seis que concorreriam na categoria longa em 35 milímetros. Dora Wainer fez o acréscimo com a ajuda do público. Carlos Benedito leu Babel, no lugar de Bulbul (segundo nome do diretor Zólimo) mas registrou a correção — feita pelo público indócil — com elegância e simpatia.

As vaia foram apenas para autoridades e prêmios que não agradaram ou causaram espanto. Se *O Mentiroso*, o mais premiado dos longas, tinha no grupo gaúcho aplausos permanentes, em contrapartida tinha contra ele a mais feroz torcida. Todo prêmio anunciado para o filme ganhava vaia.

Um verdadeiro festival de apupos aconteceu quando o diretor Octávio Bezerra resolveu discursar na condição de autor de *Memória Viva*, filme que dividiu com *O Mentiroso* o prêmio máximo. Primeiro soaram vaia para o presidente Sarney e depois para o ministro da Cultura, José Aparecido, a quem o cineasta dirigiu seu discurso, levado no bolso em folha pequena e escrito a mão. As vaia mais prolongadas da noite, porém, ficaram para Marlos No-

bre, diretor-executivo da Fundação Cultural. Quando ele subiu ao palco para entregar o prêmio especial ao autor de trilhas sonoras, Remo Usai, o fez sob um festival de vaia. Curvou-se até o microfone e disse em alto e bom som: "No Brasil é assim mesmo. Villa-Lobos dizia que ia à Europa para obter prestígio, aos EUA para ganhar dinheiro, e que, em seu País, só recebia vaia".

## PROTESTO

A noite correu tão bem, que a festa, que começou com 45 minutos de atraso (portanto, às 21h45) terminou exatas duas horas depois. Aos 15 minutos para a meia-noite, soaram os últimos acordes da trilha sonora de *A Turma da Mônica*, criada por Remo Usai, e apresentada por 25 dos mais respeitados músicos da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional.

O fotógrafo e diretor Mário Carneiro (*Gordos e Magros*) ainda tentou registrar um segundo protesto. Os microfones, porém, já estavam desligados. Os vitoriosos estavam satisfeitos — a noite foi de Fernando Severo, o melhor no 16mm; de Cao Hamburger, o criador do filme mais festejado do Festival, *A Garota das Telas*; e da equipe de *O Mentiroso* — e os derrotados, nervosos e irritados. Sérgio Bianchi, autor do maldito e visceral *Romance* (o grande injustiçado do evento) estava tenso. Tão tenso que nem quis atender a pedido de Geraldo Schuller, gerente de marketing do ParkShopping, para que permanecesse no palco, ao lado de Werner Schunemann. Afinal, os dois dividiram o prêmio de "melhor diretor". Bianchi se desvencilhou e desceu, de cara amarrada.

Mas houve protesto público. Mário Carneiro, da primeira vez, subiu ao palco e usou o microfone com liberdade. Quis saber por que o júri da categoria 16 milímetros não atribuiu prê-

mio de "melhor fotografia".

— O cinema começa pela fotografia, pontificou, e não se pode impedir o desenvolvimento de um profissional que está começando pelo curta-metragem e na bitola 16 milímetros.

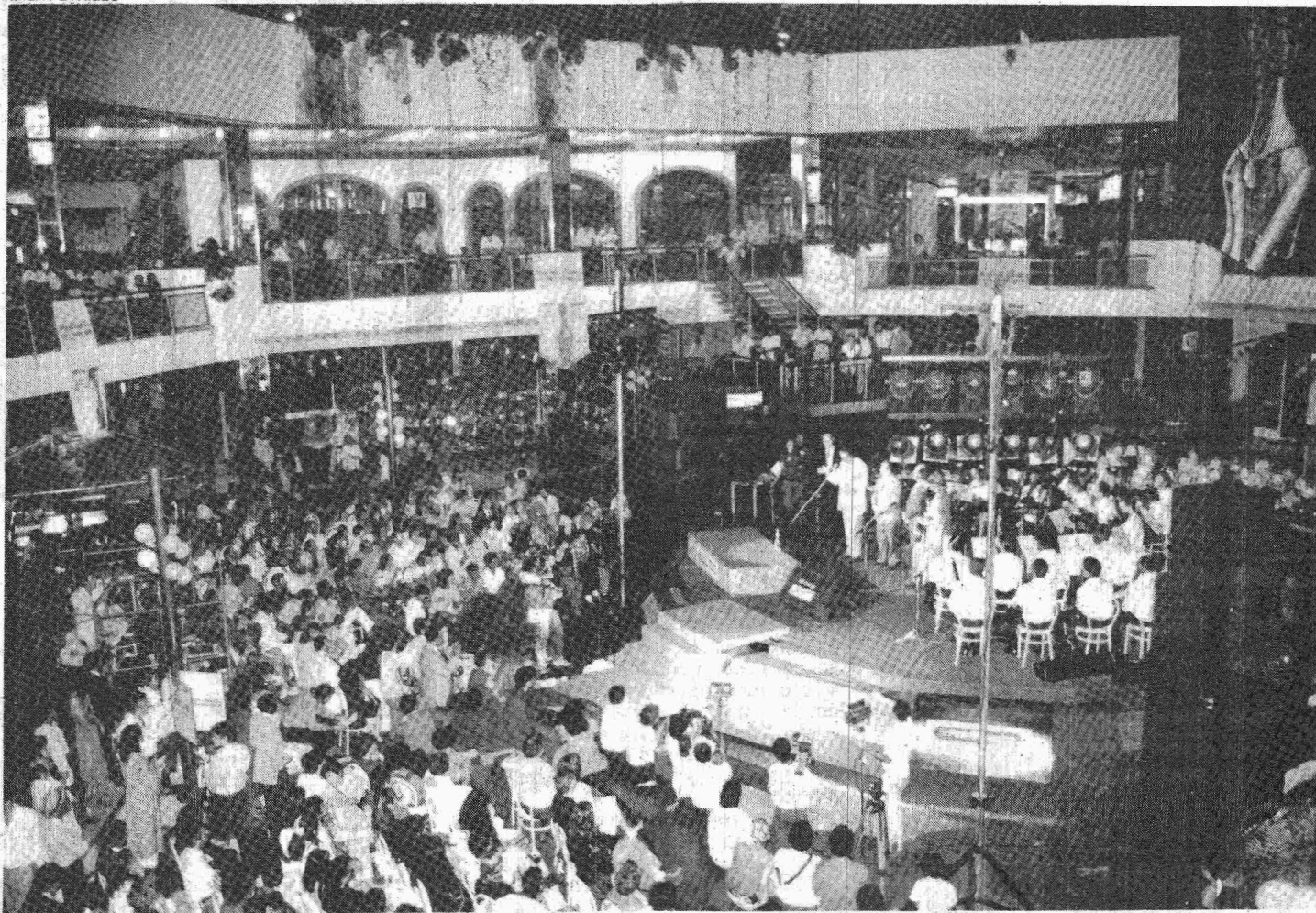
A cineasta Maria Luísa Aboim (*Cidadão Jatobá*) membro do júri, tentou justificar. Argumentou que os jurados optaram por um "prêmio especial" para a qualidade de imagem do filme *O Mundo Perdido de Kózak*, por tratar-se de homenagem e recuperação da obra do fotógrafo tcheco-brasileiro, Wladimir Kózak. Mário Carneiro não aceitou o argumento.

## CONCERTO

Se a apresentação de Dora Wainer e Carlos Benedito foi competente, o concerto que apresentou trilhas sonoras de filmes brasileiros foi mais ainda. Improvisado e, com programação não divulgada para a imprensa (até a manhã de ontem não se tinha certeza se Sérgio Ricardo viria), mesmo assim, o concerto foi excelente. Mostrou trabalhos de linha tradicional como o de Remo Usai, e de vanguarda, como o de Guilherme Vaz. No meio, criações populares como a trilha de *Deus e o Diabo da Terra do Sol* (Sérgio Ricardo apareceu e foi aplaudidíssimo); *O Amuleto de Ogum* (interpretada por Jards Macalé) e *Gabriela* (Dori Caymmi). O único dos concorrentes a melhor trilha sonora no 21º Festival, David Tygel, apresentou o tema de abertura de *O Mentiroso* com uma formação de cinco músicos. Fez enorme sucesso.

O momento mais interessante da noite, porém, ficou por conta de *Reflexões Sobre Limite*, de Mário Peixoto, criado especialmente para o encerramento do Festival, por Guilherme Vaz. A peça foi apresentada com gravação eletrônica, mimica e luz.

MILA PETRILLO



A festa de entrega dos troféus Candango segurou o público no ParkShopping até a madrugada